

Inuvicta *cinne*

ANO X

N.º 183



CHARLOTTE SUSA

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c^{os}

AGUIA D'OURO

**APRESENTA
NA PROXIMA
2.ª FEIRA**

**A
N
N
Y**



**O
N
D
R
A**

**E O FAMOSO CÔMICO
LUCIEN BAROUX
NA ENGRAÇADÍSSIMA
COMÉDIA**

ANNY NO CIRCO

As últimas notícias acêrca da Tobis Portuguesa (C. P. de F. S. T. K.) são satisfatórias.

O estúdio está sendo construído activamente. Vário material referente aos seus laboratórios já chegou. Os camiões de tomada de sons também não tardam aí.

Entretanto, a nova empresa reúne elementos, convoca reuniões e estuda a maneira mais prática e conveniente de iniciar os seus trabalhos cinegráficos.

Aparentemente adormecida, a Tobis Portuguesa, trabalha metodicamente pela criação mais ou menos segura dum cinema nacional.

O novo filme de Ronald Colman, depois de «I have Been Faithful» será «The Masquerader» que já em tempos foi filmado pela First National.

Xavier Guichard, director da policia judiciária de Paris, declarou ao redactor do jornal sueco *Dagens Nyheter* o seguinte: «Em Paris e arredores temos constatado que os ébrios têm diminuído sensivelmente graças ao cinema, que alem de passatempo das familias faz uma bela concorrência aos *bistrots*».

Ai tendes o cinema regenerador de alcoolicos. E ainda ha quem diga que êle inêita ao crime.

Florelle vai trabalhar num novo filme — *La Dame de Chez Maxim's*. Também Tramel (velho conhecido) e Suzy Vernon vão trabalhar em *Le Chasseur de Chez Maxim's*.

Que mais virá de «chez maxim's»?

Karl Freund, o apreciado operador alemão, conhecido pelos seus notáveis trabalhos fotograficos da *Ufa* e que ultimamente tem trabalhado na America, foi promovido a director de filmes, devendo começar o seu novo officio com *Imhotep*.

Vamos vêr se os seus méritos de director se mostrarão á altura dos de «cameraman».

Trud Von Molo que aparecerá em *Estupezacientes* e esteve também em Lisboa, vai sêr a principal figura dum filme de Dupont—*O Corredor de Marathon*.

Brigitte Helm actuará num outro filme de espionagem, sob a direcção de Gerhard Lamprecht.

Na Suécia trabalha-se activamente. Em 1932 foram lá produzidos trinta filmes.

Em França trabalha-se activamente na nova versão falada de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, cuja realização está a cargo de Raymond Bernard. Este cineasta fez já várias buscas em documentos relativos ao Paris romantico, afim de dar o máximo de verdade á sua futura criação.

A filmagem será iniciada dentro de pouco tempo.

Maurice Tourneur dirige actualmente *Les Deux Orphelines* cuja acção decorre no velho Paris do século dezoito. Gabriel Gabrio é intérprete.

Lembrando-nos de que temos também *Os Três Mosqueteiros*, em versão falada, concluímos que os franceses estão a gostar bastante de reviver o passado romantico...

Em Stamboul abriu um estudio para produção de filmes falados em turco.

J. Darcy Lloyd que é o pai do célebre Harold e que conta 62 anos vai casar-se com uma actriz de 40, Helen Marfwall. A viagem de núpcias: a volta ao mundo.

O VALOR DO CINEMA

Os seus atractivos e a sua influencia

Seria ridiculo pôr-se em dúvida que o Cinema não seja actualmente a Arte que mais atractivos encerra.

O Cinema não limita o seu poder de atracção a um certo número de privilegiados, pois pertence, hoje em dia, a todo o mundo culto e até as paragens, que possamos dizer, de povos atrasados.

Ele está em toda a parte e representa uma fôrça vital, poderosa, como factor económico para qualquer país.

Nasceu da Civilização para a Civilização!

O Cinema é, no seu conjunto, internacional... mais do que isso, é a própria Humanidade que por ele se retrata, se mostra e revela.

O seu principal atractivo é a beleza. E' por isso, uma Arte... porque não ha Arte sem Beleza.

«Já lá vai o tempo em que a civilização incipiente era flôr precária nas margens dum rio fecundante ou de uma fértil planície, em que um povo preveligiado, encerrado entre as suas montanhas, se considerava o único senhor da terra e ignorava até a existência de algum visinho próximo, tão poderoso como êle.

Hoje a Civilização é mundial!...

O Progreso vai longe... guiando-lhe os passos!

Procura-se qualquer coisa de novo, espera-se qualquer coisa de novo...»

E mais que a telegrafia, a T. S. F. ou qualquer outro meio de rápida ligação dos povos, a cinematografia tem privilégio de incontestável valor e atracção.

O que se espera vindo daqui ou dali—não importa donde desde que revele inovação ou ineditismo—tem no filme o seu melhor precursor, não só pela sua vitalidade como expressão directa do facto (o cinema retrata a vida em movimento) mas também pela sua irrefutável preponderância e influencia.

E' indiscutível, absolutamente indiscutível, o reconhecimento do valor do cinema, como principal factor de cultura dum povo ou duma raça.

Ele tem sido, e cada vez mais, observado nestas particularidades pelos dirigentes instructores das Nações que regulam por leis e comissões especiais a maneira como deve ser administrado pelos educadores ás populações escolares; determinam a sua qualidade impondo-lhe propriedades didáticas, as mais vantajosas e uteis... e vão mais longe:—regulam as exhibções por comissões de censura, para não desmoralizar o povo, para que os assuntos não insubordinem ou determinem malévolaemente a sua psicologia.

O que a propósito se legislou em Portugal deve de merecer de todos os maiores incentivos, para que a realidade se sobreponha á ideia e para que aquela frutifique com toda a sua pujança, com todos os seus beneficios.

TOMAZ D'ALENCAR.

Um novo filme com **ANNY ONDRA**

ANNY NO CIRCO

De entre a enorme legião de artistas do cinema, a endiabrada Anny Ondra, é, incontestavelmente, aquela que maiores simpatias conquistou entre o nosso público, devido á sua graça incomparável, ao seu talento invulgar e ao seu riso franco e comunicativo.

Ver um filme de Anny, é passar duas horas de alegria sã, duas horas que nos fazem esquecer as agruras da vida.

Anny Ondra é o refúgio vivo dos pessimistas e dos desiludidos. Quem estiver triste, quem se sentir deprimido e melancólico, disporá de um recurso excelente: o de fixar a sua atenção no rôsto gaiato de Anny, nos modos descuidados de Anny, na graça e na mocidade de Anny...

«Anny no Circo», é o título do novo fonofilmado da incomparável e querida artista que o cinema Aguia d'Ouro nos apresenta na próxima semana cujo argumento publicamos a seguir:

Anny Bock é a filha adoptiva de Bock, o célebre professor de astronomia. Petou um colega de Bock, possui um modesto observatório mas, os dois astrónomos estão sempre em contradição.

Petou, afirma que cometa X 27 deve encontrar-se com a terra daqui a 2.253 anos, ao passo que Bock assevera que êle se move regularmente e que não oferece nenhum perigo para o nosso planeta.

E esta divergência entre os 2

sábios, dá lugar a uma eterna discussão.

O sônhô dourado de Bock, é possuir um observatório, um observatório a valer e não um brinquedo de crianças como o do seu colega. E para arranjar o dinheiro necessário, a família de Bock vê-se obrigada a fazer as maiores economias.

Bock estabelece um programa que todos seguem á risca.

Cada pessoa só tem direito a um limitado número de calorías.

E é a endiabrada Anny, a encarregada de fazer as respectivas divisões. Bock, é convidado, pelo Ministro da Instrução Pública, a pronunciar um discurso na inauguração oficial do Museu.

Este Museu, fôra oferecido á cidade, por um generoso benfeitor que pretendia ficar incógnito.

Durante o discurso, numa outra sala do Museu, Anny trava conhecimento com Jim Bock, filho de Max Bock, um tio que ela não conhece. Max fora em tempos para a América e lá, casara com um artista de circo. Este enlace causara grande escândalo entre a família de Max e seu irmão e nunca mais quiz ouvir falar no seu nome. Mas Max morrera e sua mulher e seu filho resolvem ir á Europa assistir á inauguração do Museu. Quando Flora, a viuva de Max, se acêrca de seu cunhado, a fim de o cumprimentar, êste, julgando que ela pretende pedir-lhe dinheiro recebe-a asperamente. Mas Flora confessa-lhe

que é ela a doadôra anónima do Museu, e, exigira que êle pronunciasse o discurso da inauguração para ter o prazer de o ouvir falar bem da sua pessoa.

Anny e Jim enamoram-se um do outro e Bock, irritado, afirma que já-mais consentirá no casamento de sua filha com o filho de uma pelotiqueira.

Mas Flora confessa-lhe que seu filho receberá 4 milhões de dólares no dia em que êle casar com um artista de circo Bock, se bem que aturdido com a enormidade da sôma não quer voltar com a sua palavra atrás.

Mas Anny é que não quer perder o amor de Jim e resolve fazer-se artista de circo, contra a vontade de seu pai. A notícia da estreia de Anny produz um escândalo enorme, em toda a cidade. Bock é suspenso do seu lugar na escola, na «União Científica», no Clube de Bilhar, etc, até se averiguar o que há de verdade acêrca dos boatos que correm.

Bock, não vê outro recurso senão confessar-se vencido perante a cunhada, e, pedir-lhe o seu auxilio afim de salvar Anny.

E Flora, que não tem outro desejo, anue ao seu pedido.

Quando chegam ao Circo, já Anny está fazendo um dos seus números. Mas tudo termina bem, e, a honra do austero professor Bock fica ilibada de qualquer suspeita e êle volta a tomar posse de todos os seus cargos...



Não sei se todos vós fazeis uma ideia clara do que seja a «montagem», essa operação delicada e final de todo o filme e da qual depende muitas vezes o seu sucesso.

Dirigir artistas, escolher as luzes, cortar o campo fotográfico, cuidar enfim das tantas minudências relativas à criação de uma obra cinematográfica, tudo isso é difícil e importante; mas, a montagem demanda um tal espírito de observação, um certo poder psicológico, para ser levada a cabo com resultado, que se tornou a mais complicada e decisiva manobra da arte das imagens.

Todos os fragmentos de película, após a filmagem, se acham a um canto numerados, com indicações úteis. Há nêles jogos soberbos e verdadeiramente convincentes de actores que actuam ante a «camera»; há a fotografia maravilhosa do operador; há ângulos de efeitos que encantam; há uma decoração segura, firmando um ambiente com firmeza, criando atmosfera; há enfim, um sem numero de detalhes revelando ideia e talento do director, ou de qualquer outro elemento; e no entanto, tudo isso para que resulte numa obra prima, ou ao menos apreciável, está dependente dêsse acto de remate que fecha a actividade dispendida.

Cênas e cênas filmadas, milhares de metros, e tudo tem de sofrer córtes, reduzido quantas vezes a metade, a um terço, a um quarto, ao que fôr necessário, de maneira a condensar o enredo filmado, numa selecção das fases essenciais, dando-lhe a melhor fórmula de expressão cinegráfica, com sequencia e ritmo.

A montagem não é pois uma simples maneira de colar bocado por bocado o que se filmou, com a unica preocupação de ordenar as cênas.

Sobre uma meza especial que comporta duas bobines e entre as quais se acha uma espécie de postigo luminoso, é corrido o filme que o encarregado da montagem vai observando de tesoura em punho através do orificio destinado a iluminar as imagens. Numa das bobines encontram-se enroladas as cênas em bruto; a outra vai recebendo os filmes com os córtes que se achou conveniente fazer-lhe, afim de lhe dar forma expressiva.

Geralmente, na Europa, quem opéra a montagem é o director da película, a nosso vêr a pessoa mais indicada para tal execução que lhe confêre a cabal responsabilidade da realização da obra.

Na América, a maioria das emprezas tem um individuo especialmente indicado para isso. Não se pode dizer que o efeito seja contra-productente, mas intervem lá tanta gente na confecção duma película,



Poudowkine procedendo ao corte de um dos seus filmes

A MONTAGEM BASE ESTÉTICA DO FILME

que chegamos às vezes a não saber ao certo a quem atribuir a sua importancia. O realizador é quem recebe sempre os elogios. Mas, quantos filmes americanos não se veem cujo valor é colectivo.

Feita a montagem preliminar do filme, é este projectado num «écran» e aí se apontam ainda alguns córtes a fazer, para mais simples exposição do assunto. Aqui intervem, quando o há, o super-visor, com a sua opinião a ajuntar a outros conselhos que anteriormente já tenha dado ao director.

Poudowkine, o grande realizador russo que nos deu essas produções inolvidáveis intituladas «A Mãe» e «A Tempestade na Asia», diz claramente que a *montagem é a base estética do filme*. E acrescenta: «... para me explicar melhor, recorro a uma comparação com outra forma de arte, a literatura, dando assim uma ideia clara da importancia da montagem.

«Para o poeta ou para o escritor, as palavras tomadas separadamente constituem a matéria prima, podendo dar-se-lhe os sentidos mais diversos, consoante a frase. Mas o sentido da palavra depende da composição que rége a sua eficácia e a sua importancia. Da mesma maneira, para o «metteur-en-scène», cada fragmento de película filmada, representa o mesmo que a palavra para o poeta. Com alguns ensaios e tentativas, a consciencia artistica do compositor evoluciona; e êsses pedaços informes, as «peças de montagem» tornam-se a pouco e pouco a obra de arte de-

finitiva—o filme tal e qual o vemos nos cinemas.»

Parece-me, após isto, desnecessário encarecer mais o valor da «montagem». Torna-se no entanto imprescindível frisar que esta maneira de encarar e confrontar a «montagem» da parte do notavel cinéasta soviético, se aplica especialmente aos directores que sustentam um sentido apurado da composição das imagens, compreendendo nitidamente as suas características e força de expressão ao filmá-las.

E a este propósito, não deixa de suscitar interesse, mais estas declarações do já referido director:

«No meu primeiro filme «A Mãe» tentei impressionar o publico, pela apresentação psicológica do actor, por meio da montagem. O filho achava-se na prisão, quando recebeu de improviso e secretamente um aviso em que lhe diziam que no dia seguinte se acharia livre. Tratava-se portanto de dar a impressão cinematográfica da alegria. A simples expressão do seu rosto iluminado, não deu efeito. Mostrei por isso, unicamente o jogo das mãos e um primeiro plano da metade inferior do seu rosto com a boca sorrindo. Montei então estas imagens tomadas com uma série delas absolutamente alheias à acção: uma corrente precipitada no sorrir da primavera reflectindo os raios luminosos do sol nas suas águas irrequietas; aves domesticas passeando e voando na capoeira; e um garoto sorridente. Foi assim que eu julgo ter transmitido a alegria do preso. Ignoro como o publico apreciou esta experiência, mas acho-me completamente persuadido da sua importancia».

Aí têm vocês duma maneira rápida, mas concisa, a importancia da montagem na realização duma película.

J. ALVES DA CUNHA

É conhecida a frequente mania das estatísticas de além atlântico. Um jornal francês corporativo reproduziu uma «échelle» das vedetas mais em voga: Maurice Chevalier e Greta Garbo são os maiores «money makers» dos E. U. Marlène Dietrich, Joan Crawford, Harold Lloyd e os irmãos Marx, seguem-se. Depois Gloria Swanson, Douglas Fairbanks, Charlie Chaplin e Ramon Novarro. Noutra escala inferior: Jeannette MacDonald, Georges Bancroft e Adolphe Menjou e mais abaixo Jaekie Coogan.

Sam Goldwyn contratou por dois anos a vedeta alemã Anna Sten.

DA VIDA CINEGRAFICA

Crônica

Vocês recordam-se ainda de *A Paixão de Joana d'Arc*, essa maravilhosa composição de imagens que assombrou o mundo cinematográfico? Provavelmente, não!

Carl Dreyer, director d'esse belo filme que constituiu uma das mais formidáveis lições de cinema puro que o écran já mais nos proporcionara e que já anteriormente nos havia deliciado com outra obra pujante — *Amo e Senhor* — acaba de apresentar, na capital de França, uma nova película, intitulada *Vampiro*, à qual a crítica parisiense tem prodigalizado esplêndidas referências, apelidando-a de obra prima.

Vampiro é um filme de terrôr. De principio, Carl Dreyer tivera a intenção de realizar um filme policial, mas o carácter, um pouco mórbido, do assunto, levou-o muito mais longe e o filme policial em vista, ficou transformado em filme de terrôr.

Carl Dreyer realizou o seu novo filme sob os moldes da moderna cinematografia e, renovador profundo e audacioso, há-de, sem dúvida, ter-lhe imprimido a sua técnica e o seu *savoir-faire* inconfundíveis, que tanto o celebrisaram no tempo do silêncio da tela.

«Estou certo de que a invenção do filme falado representa um enriquecimento para o cinema — diz Carl Dreyer — mas estou também convencido de que tudo quanto se fez até ao presente não representa mais do que uma iniciação e de que aos numerosos erros que temos cometido se sucederão obras em que a imagem retomará a sua proeminência e em que a palavra se limitará a ser um dos elementos dos mais essenciais e, ao mesmo tempo, dos mais discretos».

Esperemo-lo também. O fonocinéma não tomou ainda uma directriz definida, vivendo ainda em experiência; cineastas, porém, como Carl Dreyer, saberão guiá-lo, encaminhá-lo para uma orientação mais a preceito, dando-lhe, enfim, a *alma* que êle ainda não encontrou!

Vampiro indicará já o novo rumo? Aguardemos o filme, para o poderemos constatar.

* * *

Veremos, então, em Portugal a nova obra-prima do encenador portentoso?

Tudo nos leva a crer que sim! H. da Costa, distribuidor inteligente, que tem tido a coragem de trazer até nós filmes de difíceis sucessos de bilheteira, como essa água-forte de *A Tragédia da Mina*, há-de proporcionar-nos, sem dúvida, mais êsse espectáculo de cinema integral.

Vampiro apresenta-se sem qualquer vedeta, de nome retumbante, no *cast* — o que será talvez uma dificuldade, sabendo-se da fascinação que ela exerce sobre o público.

Confiemos, todavia, em que êle se disponha a compreender a beleza de um espectáculo de cinema puro, acorrendo a vêr o *Vampiro* — quando o filme fôr apresentado!

Apresentações em Hollywood

Nem sempre é muito fácil lançar um grande filme em Hollywood. Desde algum tempo que a atmosfera das «primeiras» é muito fria e a crítica difícil de contentar, apesar dos jantares e cocktails no fim de cada apresentação.

Agora a apresentação de um filme é feita sob um novo aspecto: o da caridade. Conhece-se bem a generosidade das estrêlas pelas obras de beneficencia.

Rain foi apresentado recentemente deante de uma assistência deslumbrante. Resta saber se o público foi lá para admirar a actuação de Joan Crawford, ou para ver antes, durante os intervalos, a constelação das estrêlas de Hollywood.

Truc simples e de efeito engraçado

Um leitor amigo, que ficou algo intrigado com aquela passagem do filme *Arte de Mergulhar*, em que o

nadador regressa da piscina à prancha, pelo ar, pergunta-nos, curioso, como se realisa tal truc. Nada de mais simples.

Invertendo a posição da camera de filmar, isto é, colocando-a com a parte superior para baixo; visa-se o campo da mesma maneira, mas o sentido da marcha do filme no aparelho é inverso; desta forma, as cenas serão projectadas ao contrário. E' um truc engraçado e simples.

Utilizando o mesmo processo já vimos, em certo filme que não nos ocorre, a destruição e reconstrução imediata de um hangar. Se vos filmassem a comer uma banana, na projecção, o vosso último gesto seria o de colocar o fruto cuidadosamente dentro da casca!

Et voilà...

Péssimo aluno por contracto

Ama-me esta noite, o novo filme de Rouben Mamoulian que está passando em Paris, é interpretado por

Maurice Chevalier, cuja pronúncia inglesa continua sendo muito defeituosa, o que levou um espirituoso camarada parisiense a lembrar a ideia de se organizar uma subscrição para permitir a Maurice seguir um curso com Berlitz e poder assim aperfeiçoar-se convenientemente.

A verdade é que o contracto de Chevalier, lhe impõe que não faça progressos na lingua inglesa, visto o defeito da sua pronúncia ser a principal sedução para os americanos!

Ah!...

Granizo sobre Hollywood!

Até para os mais antigos artistas da colônia hollywoodense, o espectáculo da recente granizada que caiu sobre a cidade do cinema, constituiu algo de novo e de inconcebível no decantado clima californiano.

Diversas companhias que se achavam filmando fóra de Los Angeles, sofreram o ataque potente e devastador. O granizo caiu em pedras do tamanho de ovos de galinha, bombardeando artistas, directores e fotógrafos sem, distincção e os trabalhos de filmagem tiveram de ser suspensos.

E' vulgar cair granizo na Califórnia, mas unicamente em pleno inverno. Em Outubro...

Charlie Chaplin supersticioso?

Tem-se notado que Chaplin gosta de cercar-se, para os principais papeis femininos dos seus filmes, de artistas ainda pouco conhecidas ou mesmo de jovens sem nenhuma experiência cinematográfica.

Edna Purviance era dactilografista quando Chaplin lhe confiou, em 1915, o seu primeiro papel. Georgia Hale havia aparecido unicamente em um filme, quando fez dela sua compa-



LILI DAMITA

Encantadora artista muito apreciada do nosso público e que vamos vêr brevemente ao lado de Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald no filme «Uma hora contigo»



Imagens dos filmes *O Atrazo do Rapido n.º 13* e *«Ingagli»* produções Ufa, que H. da Costa apresenta na próxima semana no S. João Cine.

nheira em *A Quimera do Ouro*. Merna Kennedy era dançarina de *music-hall* quando assinou o seu contracto para *O Circo* e, mais recentemente, Virginia Cherril passeava em digressão por Los Angeles, quando Charlie viu nela a intérprete sonhada para a florista de *Luzes da Cidade*.

Além de tratar-se de debutantes, o facto de a última letra dos seus primeiros nomes ser um «a», quasi leva a crer que se trata de superstição do grande mago, a não ser que haja uma coincidência de veras curiosa.

Esperemos saber o nome da intérprete do seu proximo filme, para tirarmos uma conclusão.

Rivalidade

Existe uma grande rivalidade, bem conhecida em Hollywood, entre Constance Bennett e Gloria Swanson.

Constance tinha recentemente decidido actuar em *Little Women*, interpretando o papel diferente das suas creações habituais. Já tinha convencido George Cukor do interesse da peça e este tinha decidido encarregar-se da encenação.

Os estúdios R. K. O. interessados, tinham chegado a anunciar essa noticia pela T. S. F. Mas, depois de alguma reflexão os dirigentes mudaram de opinião decidindo que seria melhor guardar Constance para os papeis nos quais o público mais a aprecia.

Little Women será filmado; George Cukor dirigirá a encenação, mas Katherine Hepburn realizará a criação que Constance Bennett tinha desejado.

E tudo isto não se fez sem alguns choros e ranger de dentes!

O novo filme de Von Sternberg

A discussão enorme que se levantou acerca da realização de *The Blond Venus* acaba de ter o seu termo, com a apresentação do filme. Por interessante

que seja, a obra não corresponde ao que se esperava.

Marléne Dietrich não vai tão bem como nos seus filmes anteriores e embora von Sternberg se tenha desempenhado o melhor possível do papel que lhe convinha, a obra não é perfeita e, apesar de emparada a Marléne não marcará uma data no cinema americano.

Afinal, desenrolou-se tanta celeuma, para resultar um filme como tantos!...

Voltaire... no cinema

Há muito tempo já que o célebre actor George Arliss, (lembrem-se dele em *Disraeli*?) desejára crear para a tela um papel de Voltaire. A. Warner achou a ideia interessante, tendo encarregado imediatamente Paul Green de escrever um cenário sobre a vida desse escritor francês. *Voltaire* será realizado na próxima primavera, pois Arliss deverá protagonisar ainda o filme *The King's Vacation*, cuja realização começará em Dezembro.

George Arliss é um artista muito consciencioso que exige sempre muitas semanas de estudo, preparação e repetição antes de se decidir a aparecer em frente das objectivas.

Admiradoras de Ramon: chorail...

Eis uma noticia verdadeiramente sensacional, que comoverá as admiradoras fieis de Ramon Novarro: para crear um papel de chinês no filme «The Sun Danshter»—A Filha do Sol—o jovem actor da M. G. M. teve de rapar o cabelo á navalha, apresentando agora a cabeça como uma bola de bilhar!

Ramon só aparece agora de boina. Muitas jovens, admiradoras fervorosas do simpático astro, hão-de lastimar a ausencia das lindas ondas do seu cabelo negro!

Mas, vá, não chorem mais! Flás voltarão, sem dúvida, porque o cabelo crescer-lhe-á de novo.

Pearl White de novo na telta?

Diz-se que uma firma productora pretende fazer aparecer de novo a inolvidável heroína de *Os Mistérios de Nova Yorke*, Pearl White, em novas edições sonoras e faladas dos filmes que fizeram o seu sucesso nos velhos tempos em que as aventuras predominavam. Por outro, lado há quem diga tambem que a ex-popular artista declinou esse contracto, alegando como razão principal a sua idade.

Todavia, não se sabe duma maneira positiva, ainda se Pearl White resistirá á tentação de reviver no cinema o seu passado tempo de outrora, pleno de fama e de entusiasmo.

A interprete de *A Casa do Odio*, vive há alguns anos em França, ora em Paris, ora na Côte d'Azur.

Que diriam os leitores á sua ressurreição?

Um novo filme de Mamoulian

Rouben Mamoulian, o conhecido realizador de «Ruas da Cidade» e de «O Médico e o Monstro» começou a filmagem duma nova pelucula «R. V. R.» adaptada duma peça de Karl Tchaepck outrora representada no teatro dos Campos Elysios em Paris. E' um drama forte d'amor triunfante da empreza do maquinismo.

O cinema na China

No ano último, sessenta por cento da produção apresentada na China, foi americana; trez por cento francesa; dois por cento inglesa e trinta e dois por cento chinesa.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA pelas Ex.ªs Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée de 3 de Dezembro de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 1 ou 3 de Dezembro de 1932.

ODEON

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 3 de Dezembro

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

JORNAL H. DA COSTA

UM GRANDE ACONTECIMENTO

RAPARIGAS DE UNIFORME

já foi apresentado em Portugal



Não há cinéfilo digno dêsse nome que não tenha ouvido falar no filme «Mädchen in Uniform», 1.º classificado no inquérito do «Der Deutsch» e consagrado pela crítica de todo o mundo como o filme mais perfeito de todos os que, em todos os tempos, têm produzido os estúdios alemães.

«Raparigas de Uniforme» ultrapassa realmente como espectáculo cinematográfico, tudo quanto tem sido feito até aqui. Nunca a arte se aproximou mais da vida sem contudo se poluir pelo contacto das coisas dêste mundo. Trecho de vida, «Raparigas de Uniforme» continua sendo uma pura obra de arte, capaz de fazer vibrar as mais elevadas e reconditas cordas da humana sensibilidade.

A vida e os segredos dum colégio de raparigas, na Alemanha o embate doloroso entre a rigidez disciplinar e a frescura e as susceptibilidades femininas, o caso profundamente emocionante duma orfã que encontra numa professora um reconforto especial, superior ao da que fôra sua mãe verdadeira paixão capaz de comover as almas mais rudes e vulgares—serviram a Leontine Sagan, realizadora que ficou enfileirando, desde logo, na primeira linha dos animadores cinematográficos, para compôr a mais bela e profunda das películas.

«Raparigas de Uniforme» encontrou ainda um grupo incedível de intérpretes; Dorothea Wilck, uma das mais sensíveis actrizes contemporâneas, Emilia Vuda, verdadeiramente genial na rispida directora do

colégio, Herta Thiele, insuperável na sua criação de Manoela, a orfã, toda ternura e exaltação e um grupo de mais de 100 raparigas recrutadas nos meios mais diversos—estudantes, costureiras, dactilógrafas, etc. e que se houberam como se fôsem consumadas artistas profissionais.

Na quinta-feira passada, a convite da Agencia H. da Costa e da empresa do São Luiz, realizou-se em Lisboa, perante um reduzido número de escritores e de artistas, a apresentação de «Raparigas de Uniforme». A prolongada ovação que coroou o espectáculo é o mais eloquente testemunho da impressão causada pelo filme naquela plateia de elite.

E' indispensável, que o grande público compreenda o significado e o valor dessa obra magnífica.

CARTAZ

Filmes da Agencia H. da Costa em exhibição

No Porto:

Ingagh e O Atrazo do Rapido N.º 13, no

— São João —

Um Sonho Dourado, no

— Trindade —

Em Lisboa:

Raparigas de Uniforme, no

— São Luiz —

Mandrágora, no

— Central —

A U.F.A.

investiu mais 500.000 marcos no último filme de Lilian Harvey

O conselho de administração da U.F.A. resolveu investir mais 500 mil marcos no orçamento do filme «O Testamento do Marquês de Sade», que será o último filme que Lilian Harvey interpretará na Europa, antes de ir cumprir o seu contrato americano.

«O Testamento do Marquês de Sade» prometia já ser, pelo grupo de artistas encarregados da sua realização, uma das mais marcantes produções da U.F.A. Agora, com mais esta fortuna acrescentada ao budget, não se presume o que será. Mas, vozes fidedignas, garantem que êle ultrapassará, em luxo e em arte, o próprio «Congresso que dança».

Charles Boyer é o *leadingman* de Lilian Harvey e o filme deverá estar concluído em Fevereiro de 1933.

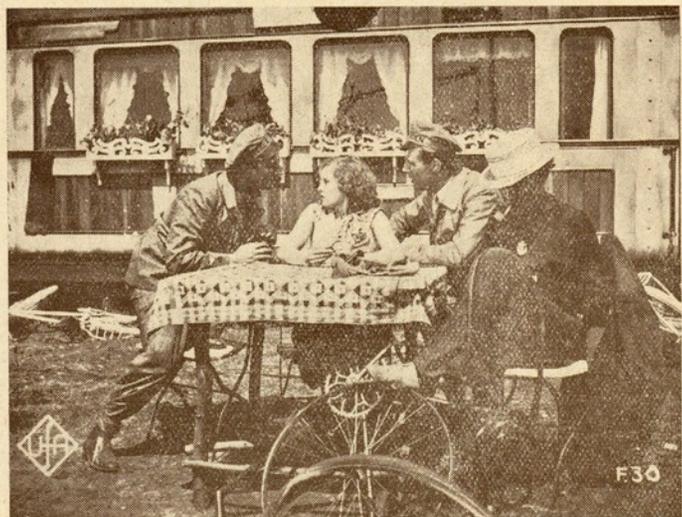
ECOS

«I. F. 1» não responde» deve estar pronto a ser exibido em fins de Dezembro. Veremos pois em Janeiro, quando muito, o filme que vai além de «Metrópolis» e da «Mulher na Lua».

Já está em Lisboa a cópia do fonofilm russo-alemão, de Fedor Ozep «Os irmãos Karamazoff», extraído do famoso romance de Dostoiwsky. Os seus intérpretes principais são Fritz Kortner, Anna Stenn e Fritz Rasp.

Os próximos filmes da Agência a apresentar em Portugal intitular-se: «Rivais na pista», com Albert Préjean; «Eu de noite e tu de dia», com Kate de Nagy e Fernand Gravy; «O Comboio Mistério (Le train des Suicidés)» e «Antropófagos» (Les Mangeurs d'Hommes).

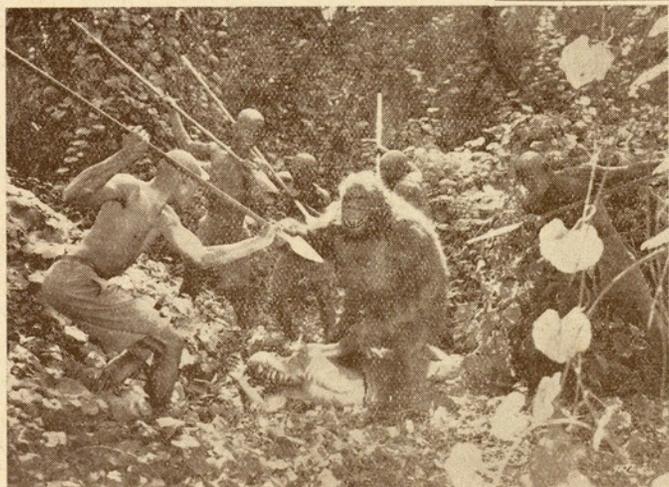
FILMES QUE VAMOS VER



em Lisboa tem obtido enorme êxito e que na próxima terça-feira se estreia no cinema Trindade.

Um Sonho Dourado. é uma produção de Erich Pommer

Dois cenas do empolgante fonofilme da Ufa, cantado e falado em francês, com Lilian Harvey, Henry Garat e Pierre Brasseur, **Um Sonho Dourado**, que



Uma imagem do interessantíssimo documentário **In-gagli**, a maior produção até hoje filmada na selva africana que nos é apresentada juntamente com o fonofilme **O Atrozo do Rapido 13** na próxima segunda-feira no S. João Cine.

DOIS PROGRAMAS DA

AGENCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA, L^{DA}

O HOMEM QUE MATEI

O que diz sobre este filme um dos nossos correspondentes em Paris.

Não são poucas as obras, quer literárias quer cinematográficas, que têm falado da guerra com tal insistência, que o assunto parece hoje esgotado. E se a de Maurice Rostand se mostra atraente, é porque, não mostrando a carnificina, êle deu-no-la sob o ponto de vista psicológico. O estudo do seu herói, inquieto, atormentado, sedento de justiça, constitue a espinha do filme tirado do livro. Suprimindo-se algumas tiradas supérfluas, achamo-nos em face d'uma história bastante humana e emocionante. A tese sustentada, poderia parecer enfática ou primária, se a realização duma «finesse» e em «nuances» não a atacasse até a disfarçar completamente. E isso, graças ao «metteur en scène». Ernst Lubitsch, realizador alemão, emigrado para os Estados Unidos pouco depois de começada a sua carreira. As várias produções que nos dera ultimamente, faziam-nos esperar pouco do seu futuro. Depois de «A Parada do Amor» e «Monte Carlo» teria êle ainda alguma confiança em si próprio? Tendo atingido uma técnica potente, não teria êle perdido toda a sua sensibilidade, applicando-se à produção de filmes tão banais? Confiando-lhe a direcção de *O Homem que Matei*, a Paramount permitiu-lhe reabilitar-se. Lubitsch consagrou-lhe o seu melhor esforço e justamente num assunto digno de tal. Lembrando-se dos que não esqueciam *O Leque de Lady Margarida*, voltou à sua primeira forma, confirmando o seu talento que, se por um lado não se renovou ganhou ao menos em profundeza e mestria.

A arte de Lubitsch é composta de humôr e de sensibilidade. Excedendo-se em fazer aproximar os detalhes engraçados (que testemunham um dom agudo de observação) dá-nos nuances da mais delicada humanidade. Sente-se-lhe o toque, mas sem êsse apoio de «O Patriota» e de «O Príncipe Estudante». Nota-se-lhe o dêdo que faz de Chaplin ou de Feyder, verdadeiros mestres.

Tem todas essas qualidades num ritmo sem traqueza. A sua vistuosidade técnica, nunca ultrapassada tem algo de vasto que lembraria Pabst se êle não evitasse, ao contrário dêste último, a imagem brutal.

Todos êstes dons que tornam certamente qualquer artista simpático, sobretudo quando êles se manifestam num meio tam pouco favorável como o é a indústria cinegráfrica americana, atingiram o seu apogeu em *O Homem que Matei*. Numerosas passagens dêste filme são autênticos modelos. Cito o início onde o «décor» mesmo se torna actor: a camera fixa-se sobre um cristo, num quadro numa curva arquitectural que sugere ou precede as palavras. O assassino evocado por imagens elípticas, é tanto mais notado quanto mais se esconde; e os primeiros metros são vigorosos.

Do lado humorístico, há *trouvailles*, como esta: duas mães evocam os seus filhos desaparecidos. «—Ele era tão lambareiro,

diz uma. Andava sempre á minha volta na cosinha quando eu fazia um certo bôlo». E a outra pedia com lágrimas nos olhos:

—Você há-de dar-me a receita, sim? Quando vocês souberem que estas palavras são trocadas num cemitério, deveis concordar que seria necessário um grande tacto e delicadeza da parte de Lubitsch para não cair no ridiculo. Sublinho tambem a promessa da jôven alemã e do francês, na povoação. Toda a gente se acha ás janelas, ás portas, tagarelando e mal-dizendo. Efeito um pouco fácil mas realçado duma ideia sonora: vê-se só o par e ouve-se os sons das portas dos comerciantes que se abrem e se fecham sobre a sua passagem.

O resto é em meias-tintas: o encontro junto do túmulo; o amor que nasce; a afeição pelo rapaz simpático a toda a familia, revivendo o filho morto, no «front». São passagens, repito, bem dôces e emocionantes, nas quais Lubitsch pôs a quinta essencia da sua arte.

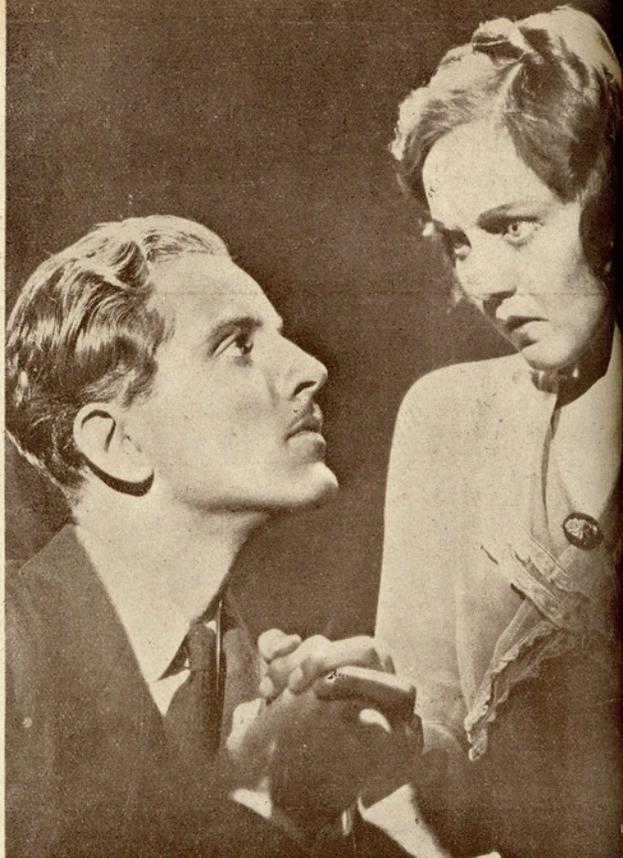
Lamentamos alguns êrros e dos quais o principal é vulgar nas produções americanas: os exteriores parecem-nos falsos (e embora o amor poderiam ao menos da -nos a impressão da realidade); a aspereza do pai no caberet é exagerada e não creio que na cena final — aliás muito emocionante — não se pudesse de preferência mostrar o jôven e a noiva, sugerindo tudo pela música. Tambem não agrada muito ouvir franceses e alemães falar a mesma lingua, pois que o diálogo do filme é em inglês.

Esta convenção, admitida facilmente no teatro, já o não é tanto no cinema.

A interpretação reúne os nomes de Lionel Barrymore, Phillips Holmes, e Nancy Carroll. E' com prazer que se releva o nome desta última, que em *O Homem que Matei* nos lembra constantemente «Ceu Roubado», outra obra emocionante de que êla foi tambem heroína.

Para esta artista, é um bom titulo de glória ter interpretado dois filmes desta qualidade. E esperamos agora que a empresa que tem sôb contracto não faça agora desmentir o provêrbio de que *não há dois sem três*.

DANIEL MAYBON



Uma imagem do sonofilme
«O Homem que Matei».

Nota biográfica

Phillips Holmes não tem ainda trinta anos e já conta quinze papeis na sua carreira cinematográfica.

Os seus principios foram dos mais modestos, pois que só há uns três anos appareceu no cinema pela primeira vez como figurante. Ele cursava então na Universidade de Princeton.

Viram-no em *Ceu Roubado* ao lado de Nancy Carroll. Em «Uma Tragédia Americana» tem uma creação apreciável, segundo dizem e isso que lhe valeu o entregarem-lhe o principal papel de «O Homem que Matei».

Na capa

Charlotte Susa que foi a intérprete notável de «Manobras de Amor», «O Tigre» e, «Sob Uma Falsa Bandeira», apparece-nos na próxima semana em «O Atraso do Rápido n.º 13», filme da UFA, distribuido por H. da Costa.

A figura encantadora desta artista, que se está tornando tão querida em Portugal, mais uma vez vai seduzir os cinéfilos portugueses.

ANO X
N.º 183
Porto, 26--Novembro--1932

INVICTA CINE

SEMANÁRIO DE CINEMATOGRAFIA

REDACÇÃO: — Rua Bela da Fontinha, 14-A

PORTO — PORTUGAL

Director: Roberto Lino — Propriedade: Emp. Invicta Cine

Visado pela
C. de Censura

Comp. e Imp. — Diário do Porto

REDACTORES

J. Alves da Cunha
Fernando Barros
Emilio Loubet
Novais Castro
C. Vasconcelos

EDITOR
João Soutinho de Oliveira
ADMINISTRADOR
Joaquim A. Teixeira
COLABORADOR ARTISTICO
Fernando Lacerda

Pelos cinemas do Porto

Batalha—Paris de Noite

É uma fraquíssima produção francesa que nos descreve a aventura duns estrangeiros de dinheiro que pretendem ver e passar uns momentos nos bas-fonds—história já estafada—e na qual surgem como intérpretes Marqueritte Moreno e Armand Bernard. A realização é de Henry Diamant-Berger. Sinceramente e sem perder tempo com coisas tristes, devo dizer-vos que peor do que isto, só o peor filme portuguez.

Trindade—Uma Alma Livre.

O que mais me atraiu neste filme, foi o carácter social do seu tema expondo-nos duramente o drama duma familia, constituída por pai e filha, embora ternos amigos, cada um com as suas acções independentes, sem os concelhos um do outro.

O pai, sobretudo, beberão incorrigível. concedeu sempre tal liberdade aos actos da filha que esta caiu também, verdadeiramente desmoralizada, no vicio do prazer. Quando ambos se sentem e dão conta do seu deslizar rápido no abismo, quando se confessam um ao outro, reconhecendo-se uns seres condenados pela sociedade e pela moral, tentam reagir, fugindo para o ar livre, procurando a vida sã do campo. O pai sofre, dominado pelo vicio do alcool e arrasta de novo a filha. Dá-se então o drama. A cena do tribunal é forte e impressionante, pela vibração sincera e desesperada dessas almas transviadas. É um bom pedaço de emoção para a plateia.

E além do assunto, devo aludir ao melhor elemento desta película, a interpretação. É este mesmo o que a salva, duma monotonia inevitável, porque, devemos concordar, a realização de Clarence Brow não satisfaz de tal forma que, sem a acção brutal de Lionel Barrymore, sem a delicada sensibilidade e beleza de Norma Shearer, fosse capaz de manter o interesse do público. Há cenas muitíssimo dialogadas, com o seu quê de teatral e além disso, há por vezes umas quebras de sequência. Os restantes intérpretes, Leslie Howard, Clark Gable e Luci Beaumont distinguem-se. A notar alguns i-teressantes primeiros planos dos intérpretes.

Rivoli—A Condessa de Monte Cristo

Brigitte Helm é a figura central de todo o filme e se é certo que não atinge aqui o melhor dos seus papeis, tem no entanto um desempenho que pode ficar assinalado como um dos mais apreciáveis da sua carreira. A emoção, o espirito aventureiro duma jovem insignificante comparsa dos estúdios cinegráficos que deseja tornar-se mais qualquer coisa do que figurante, metendo-se numa aventura leviana que, por extraordinários acontecimentos, satisfaz a sua ambição, dá-nos-las aqui com os seus excelentes predica-dos de artista.

O enredo tem a vantagem de conservar o interesse do espectador de inicio ao fim, com movimento e algum imprevisto e o que mais o ajuda, sem ser uma obra excepcional, está conduzido cinegráficamente com essa habilidade característica dos alemães.

A realização é de Karl Harl, a fotografia boa e a interpretação geral magnifica.

J. ALVES DA CUNHA

Pelos cinemas lisboetas

Tivoli—O Tigre do Mar Negro (The world and the flesh).

OS FILMES QUE NÓS VIMOS

A queda do tzarismo, a série inumerável de cenas trágicas que se deram, os rios de sangue que correram, a emancipação duma classe oprimida e espezinhada durante longo tempo e tudo isto enquadrado na maravilhosa paisagem russa, constitue um fertilissimo manancial de assuntos que têm tentado muitos realizadores.

O Tigre do Mar Negro é mais um filme versando esse tema. A fita começa bem, muito bem mesmo.

Num vagon dum comboio viaja um grupo de aristocratas envergando trajes populares, que foge aterrizado perante a avassaladora onda vermelha que rapidamente vai cobrindo todo o vasto território russo.

Estes aristocratas vão ter a Teodósia, cidade que se conserva ainda sob o dominio imperialista.

Quando nesta terra se julgam já salvos e se encontram numa reunião, a cidade é tomada por uma coluna de marinheiros revolucionários.

Pouco depois, porém, Teodósia é reconquistada pelas forças imperiais e os aristocratas conseguem embarcar para Sebastopol.

No mesmo vapor seguem como prisioneiros e trabalhando nas caldeiras, alguns revolucionários e entre eles Kyleneo, o chefe dos marinheiros.

Até aqui o filme agrada.

Está bem feito, apresenta passagens de bom cinema, boas distribuições de luz e um certo e forte dinamismo; a tomada de Teodósia pelos marinheiros e algumas cenas a bordo merecem referência.

John Cromwell que até este ponto conduziu a acção com segurança e lógica, e que parecia prometer-nos um final correspondente à primeira metade do filme, ou não conseguiu subtrair-se a um pouco inteligente mercantilismo, ou a organização Hays não lho permitiu, dando em resultado que a segunda

metade do filme é absolutamente inferior, desde as passagens no tribunal dos soviets, às cenas que conduzem ao ridiculo happy-end em que Kyleneo sai triunfante com a sua amada nos braços, enquanto os ferozes marinheiros, imensamente felizes, desatam a cantar em coro, à laia de opereta.

Técnicamente o filme está bem feito, embora a primeira metade seja superior em tudo.

Bancroft enche a tela com as suas famosas gargalhadas e embora numa interpretação correcta, está abaixo das suas possibilidades.

Miriam Hopkins, uma artista que de dia para dia alicerça mais os seus créditos, numa interpretação perfeita. Boa fotografia e boa reprodução de sons.

S. Luís—Um Sonho Dourado

O público demonstrou sempre uma justificada simpatia pelas operetas cinematográficas alemãs ou franco-alemãs, cuja série foi iniciada pelo Caminho do Paraíso.

Esta predileção tem animado os produtores a darem-nos mais filmes no género e a cuidarem com esmero a sua composição.

Um Sonho Dourado é mais uma fita dessa espécie.

Um argumento deliciosamente disparatado que nos faz sorrir constantemente, que nos dispõe bem.

Uma realização perfeita de Paul Martin—mas onde se adivinha a cada passo o dedo de Erich Pomer—oferecendo-nos frequentemente pedaços de bom cinema, como por exemplo, as corridas de bicicleta, e deliciando-nos com exteriores lindíssimos.

Uma interpretação estupenda da parte de Lilian Harvey e boa da parte de Pierre Brasseur e Henry Garat (o primeiro melhor que o segundo) são o complemento para que este filme conquiste rapidamente as simpatias de todos.

Lilian Harvey, especialmente na cena em que tenta convencer o Rei do Cinema a contratá-la, é simplesmente inimitável.

De boa charge, as cenas em que Jon-Jon, em sonhos, pretende entrar num estúdio.

Fotografia esplêndida de Gunter Rittau.

Condés—Ludibriada.

Um filme focando uma das muitas consequências da educação e hábitos americanos.

George Abott realizou honestamente, sem tentar fazer grandes coisas, mas também sem falhas.

O argumento está bem conduzido, e o interesse do espectador é despertado sobretudo a partir da quarta ou quinta parte.

Neste filme vemos pela primeira vez uma estrela à volta da qual se tem feito uma larga publicidade: Tallulah Bankhead.

É na verdade uma boa actriz, actuando sobriamente e com naturalidade, e possuindo uma voz grave, quente, expressiva, que lembra talvez a de Marlene Dietrich.

Os restantes intérpretes, bem.

Um filme que se vê com um certo agrado.

Lisbôa, Nov. 1932.

FERNANDO BARROS

Nota da Redacção

A nossa redacção no Porto, refere-se aqui sómente aos filmes cuja estreia em Portugal seja feita nesta cidade ou áquelles a que, o nosso redactor em Lisbôa por qualquer circunstância, não tenha aludido, nas suas críticas enviadas da capital aos filmes lá estreados pela primeira vez no nosso país.



GEORGE BANCROFT

Protagonista de «O Tigre do Mar Negro»

A FIRMA DETENTORA

dos melhores filmes

européus e americanos

GASTELO LOPES,
LIMITADA

Apresenta

na próxima semana no cinema

**AGUIA
D'OURO**

a engraçadíssima comédia

**ANNY NO
CIRCO**

a melhor e última criação da en-

diabrada **ANNY ONDRA,**

secundada pelo famoso artista

francês **LUCIEN BAROUX**

